

O Caráter Instrumental da Teoria do Valor em Ricardo^{*}

Lucas Teixeira^{**}

Em meados do século XVIII, o modo de produção capitalista ainda não se encontrava plenamente constituído na Europa, porém já havia penetrado em alguns ramos de produção, tais como a agricultura na França e na Inglaterra e o setor têxtil inglês. Os primeiros a tentar entender esse novo mundo que se afigurava foram os fisiocratas. Estes, apesar de terem tido algumas boas “intuições” sobre a sociedade que analisavam, fizeram seus estudos econômicos sem recorrer a uma teoria do valor.

Os fisiocratas foram aqueles que originalmente definiram o excedente como “aquela parte da riqueza produzida que excede a riqueza consumida ao longo do processo produtivo” (NAPOLEONI, 1988: 26). Essa concepção de excedente traz consigo três questões a serem resolvidas: sua avaliação, sua origem e sua apropriação. No *Tableau économique* (1758), de François Quesnay, pode-se perceber claramente como se resolvem os problemas da origem e da apropriação. A avaliação do excedente não foi, todavia, resolvida no *Tableau*. Esse problema demandaria a formulação de uma teoria do valor, o que não foi feito pelos fisiocratas, que utilizaram grandezas físicas e preços de mercado para mensurar as variáveis econômicas de suas análises.

Smith foi o responsável pela pioneira formulação de uma teoria do valor. No estado “rude e primitivo” da sociedade — a sociedade mercantil simples — as mercadorias são trocadas em proporção à quantidade de trabalho empregadas na sua produção. Não havendo acumulação de capital, a quantidade de trabalho incorporado em uma mercadoria é igual à quantidade de trabalho que ela consegue pôr em movimento. Dada essa igualdade, Smith passa a utilizar como medida do valor a quantidade de trabalho comandado por essa mercadoria.

Quando se analisa, entretanto, a sociedade mercantil capitalista, essa igualdade não se sustenta. A troca entre capital e trabalho não é uma troca entre equivalentes. A quantidade de trabalho incorporado é menor do que a quantidade que ela põe em movimento. Smith percebe essa diferença, mas, em vez de analisar as particularidades dessa relação de troca, abandona a teoria do valor trabalho, passando a uma teoria do valor baseado nos custos da produção, em que cada fator, trabalho, capital e terra, contribui para o valor de troca das mercadorias. Ou seja, Smith passa de uma teoria *dedutiva* do valor para uma teoria *aditiva*.

A primeira abordagem de Ricardo ao assunto se dá no *Ensaio do Trigo* (1815). O *Ensaio* tem dois objetivos: demonstrar a centralidade da categoria econômica lucro, em detrimento da renda da terra, e mostrar que a taxa média de lucro da economia é determinada pela que é obtida na agricultura, a partir da teoria da renda diferencial. Fica patente, também, uma das idéias-chaves do pensamento ricardiano: a oposição entre salários e lucros.

É interessante ver como o caráter instrumental da teoria do valor de Ricardo fica patente à medida que se move dentro do paradigma fisiocrata-smithiano. No

^{*} Esta comunicação é baseada em trabalho anterior, mais extenso: Teixeira, Lucas. Do trigo ao trabalho: o caráter instrumental da teoria do valor no pensamento de Ricardo. Mimeo: UFRJ, 2006 (disponível em www.marxismo.com.br). O Autor agradece os comentários e sugestões de Aloisio Teixeira, Beatriz Azeredo, Denise Lobato Gentil, Maria Malta, Rodrigo Castelo Branco e Ronaldo Fiani, eximindo-os, contudo, de qualquer responsabilidade sobre o conteúdo do presente trabalho.

^{**} Economista, mestrando do IE-UNICAMP e pesquisador-colaborador do Laboratório de Estudos Marxistas (LEMA) do Instituto de Economia da UFRJ.

Ensaio sobre o trigo, o autor se situa inteiramente dentro do precedente fisiocrata, como se Smith nunca tivesse escrito nada sobre valor. Nesse texto, Ricardo, tal como os fisiocratas, mensura as variáveis econômicas em termos físicos. Isto fica extremamente evidente na tabela que Ricardo constrói para demonstrar a evolução das variáveis distributivas, renda fundiária e lucro, calculando-as em termos materiais, sem menção a preços ou a valores.

Nos dois textos seguintes, *Princípios de economia política e tributação* e *Valor absoluto e valor de troca*, Ricardo já se posiciona em relação a Smith. Seu primeiro passo é fazer a crítica à teoria deste autor. Se, ao perceber que na sociedade capitalista o trabalho incorporado em uma mercadoria difere da quantidade de trabalho que esta pode comandar, Smith escolhe o último, o trabalho comandado, como medida do valor, Ricardo procede ao revés: escolhe a quantidade de trabalho incorporado. E, para explicar a diferença, inclui o capital na determinação do valor, na forma de trabalho passado. Este passo leva-o a incluir o lucro como remuneração ao trabalho acumulado, e, assim, a distribuição do produto social passa a influir nos preços relativos. Como a teoria da distribuição ricardiana se resolve em separado da sua teoria do valor, ele passará o resto da vida tentando descobrir quais condições uma mercadoria deve obedecer para não sofrer variações no seu valor, quando muda a distribuição, e assim poder ser candidata à medida invariável do valor.

Isso fica manifesto em *Valor absoluto e valor de troca*, em que, debatendo-se entre as duas causas de modificações no valor — mudanças na distribuição e alterações nas quantidades de trabalho empregado na produção de uma mercadoria — Ricardo faz seu último esforço para achar uma *medida invariável* do valor. Ricardo deixa o texto inconcluso, aceitando, ainda, o trabalho incorporado como medida *imperfeita* do valor e hierarquizando as causas das mudanças no valor: as mudanças na quantidade do trabalho são mais importantes do que as variações na distribuição.

Torna-se evidente que, para ele, o problema da distribuição se resolve separadamente do problema do valor. Como ele mesmo diz, “apesar de tudo, as importantes questões da renda, dos salários e dos lucros devem ser explicadas pelas proporções nas quais a totalidade da produção é dividida entre proprietários de terra, capitalistas e trabalhadores, e que não estão de maneira essencial vinculadas à doutrina do valor” (RICARDO, 1951; 194). Com esta afirmação, fica claro que a evolução da teoria ricardiana do valor é norteadada pela tentativa de referendar algumas conclusões do *Ensaio*. Isso demonstra o caráter instrumental do valor para Ricardo, resumindo sua teoria do valor ao problema de se achar uma *medida do valor*.